



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Agenda traz prévia da inflação oficial no Brasil e divulgação do CPI nos EUA, adiada pelo *shutdown*.

**Os agentes econômicos estarão atentos aos dados do IPCA-15 de outubro, que podem trazer novos sinais positivos sobre o processo de desinflação da economia.** O IBGE divulga na sexta-feira (24) o IPCA-15 de outubro, prévia do índice oficial, com expectativa de alta de 0,25% no mês. A energia elétrica deve continuar pressionando o resultado, mas de forma menos intensa. Já os preços da alimentação no domicílio devem ficar próximos à estabilidade, após quatro meses em deflação. No acumulado em 12 meses, o indicador deve desacelerar de 5,32% para 5,02%, mantendo-se ainda próximo da faixa de 5%, embora a expectativa seja de desaceleração nos próximos meses, dada a elevada base de comparação do mesmo período do ano passado, quando foi observada uma forte alta dos preços dos alimentos. De toda forma, após a surpresa positiva com o dado de setembro, que mostrou alguma melhora, inclusive em componentes mais sensíveis à demanda, como a inflação de serviços, o mercado testará se o resultado do mês anterior representa uma tendência ou se foi apenas um ruído.

**O déficit externo deve seguir pressionado em setembro.** O consenso do mercado projeta um déficit em transações correntes de US\$ 7,6 bi no mês, pouco acima do registrado em set/24 (US\$ -7,4 bi), em razão do menor superávit comercial no mês, devido à importação de uma plataforma de petróleo. Com o resultado, o déficit acumulado em 12 meses deve voltar a aumentar, subindo de US\$ 76,2 bi para US\$ 76,5 bi (-3,5% do PIB), se mantendo acima da entrada de investimento estrangeiro direto no país. Os números também serão divulgados pelo Banco Central na sexta-feira (24).

**A arrecadação federal de impostos deve voltar a mostrar alguma perda de dinamismo.** Os analistas projetam uma arrecadação de R\$ 217,4 bi em setembro, equivalente a uma alta real de 1,5% ante set/2024. Apesar de voltar a crescer neste comparativo, após queda de 1,5% em agosto, os números devem mostrar um crescimento mais tímido do que o registrado no 1º semestre, quando a arrecadação cresceu 4,4% em termos reais no acumulado do ano. A perda de ímpeto tem sido liderada pelos tributos ligados ao faturamento e lucro das empresas, em meio à desaceleração econômica, enquanto o IOF (majoração de alíquota) e tributos ligados ao mercado de trabalho e aplicações financeiras (alta taxa Selic) devem seguir em crescimento.

**Na China, foi divulgado ontem (19) que o PIB do 3º trimestre cresceu 4,8% ante o mesmo período do ano anterior.** O número veio em linha com o esperado e representa uma desaceleração ante o resultado do 2T25 (+5,2%), em meio às tensões comerciais com os EUA, falta de dinamismo da demanda interna e crise no setor imobiliário. Apesar disso, o país ainda deve conseguir cumprir a meta de crescimento de 5% estabelecida para 2025, dada a expansão mais intensa no 1º semestre (+5,3%), embora os problemas estruturais persistam, elevando as dúvidas sobre a capacidade de manter esse ritmo de crescimento nos próximos anos.

**Nos EUA, o governo federal segue com as atividades não essenciais suspensas diante da ausência de acordo para a aprovação do Orçamento.** Mesmo com o *shutdown* ainda em andamento no país, o *Bureau of Labor Statistics* (BLS) agendou para esta sexta-feira (24) a divulgação do resultado da inflação ao consumidor (CPI) de setembro, afirmando que realocou funcionários de atividades essenciais para fechar o relatório, uma vez que o indicador é crucial para o cálculo de benefícios previdenciários nos EUA. Vale lembrar que o Fed se reúne no próximo dia 29 e, até lá, terá essa informação disponível para sua próxima tomada de decisão. O mercado projeta alta de 0,4% no mês, com aceleração em 12 meses (de 2,9% para 3,1%), enquanto o núcleo permaneceria estável em 3,1%. Com isso, o CPI deve seguir pressionado pela elevação das tarifas comerciais, ainda que relativamente controlado até o momento.

**A semana também traz as leituras preliminares dos índices PMIs de outubro dos EUA e da Zona do Euro.** Os números trarão pistas sobre o desempenho de ambas as economias neste início de 4º trimestre. O indicador ganha importância nos EUA, diante da ausência de informações públicas oficiais, além de mostrar se o *shutdown* pode estar causando um impacto econômico mais intenso do que o esperado. A divulgação ocorrerá nesta sexta (24).



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/out	Reunião do CMN	-	-	-
24/out	IBGE: IPCA-15	Out/25	0,25% m/m 5,02% a/a	0,48% m/m 5,32% a/a
24/out	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Set/25	US\$ -7,6 bi	US\$ -4,7 bi
Sem data	Receita Federal: Arrecadação de Impostos	Set/25	1,7% a/a	-1,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/out	China	PIB	3º tri/25	4,7% a/a	5,2% a/a
19/out	China	Produção Industrial	Set/25	5,0% a/a	5,2% a/a
19/out	China	Vendas no varejo	Set/25	3,0% a/a	3,4% a/a
19/out	China	Taxas de Juros Prime (1 ano e 5 anos)	Out/25	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
20-23/out	China	Comitê Central do Partido Comunista	-	-	-
23/out	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Out/25 – prévia	-15,0 pts	-14,9 pts
23/out	EUA	Vendas de casas existentes	Set/25	1,8% m/m	-0,2% m/m
24/out	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Out/25 – prévia	49,9 pts / 51,3 pts	49,8 pts / 51,3 pts
24/out	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Set/25	0,4% m/m 3,1% a/a	0,4% m/m 2,9% a/a
24/out	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Out/25 – prévia	51,8 pts / 53,5 pts	52,0 pts / 54,2 pts
24/out	EUA	Venda de casas novas	Set/25	-11,6% m/m	20,5% m/m
24/out	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Out/25 – final	55,0 pts	55,1 pts

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Atividade volta a crescer em agosto, mas mantém sinais de desaceleração

As *proxies* mensais do PIB voltaram a crescer em agosto, após números fracos nos últimos meses. Contudo, o resultado positivo não altera os sinais de desaceleração da economia e a percepção de um baixo crescimento do PIB no 3º trimestre.

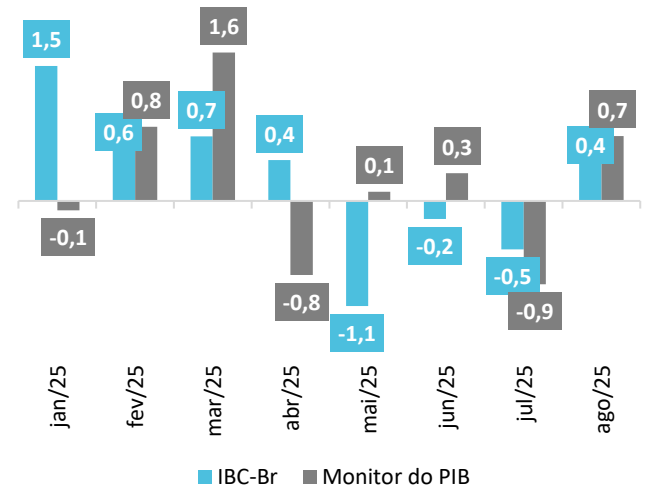
O índice IBC-Br de atividade, calculado pelo Banco Central, cresceu 0,4% em agosto, abaixo das expectativas (+0,8%). O resultado positivo reverte uma sequência de três quedas consecutivas, quando o índice acumulou baixa de 1,8% entre os meses de maio e julho. Em agosto, a alta da atividade foi liderada pela indústria (+0,8%) e os serviços (+0,2%), segundo o BCB, enquanto a agropecuária voltou a cair (-1,9%), após o forte crescimento do início do ano.

Apesar do número positivo no mês, o índice segue com um carregamento estatístico negativo para o 3º trimestre. Isto é, caso fique estável em setembro, o índice registrará retração de 0,8% no trimestre, após sete trimestres em expansão. No acumulado do ano, o índice ainda registra alta de 2,6%, beneficiado pelo forte crescimento do setor agropecuário no 1º trimestre.

Na mesma direção, o Monitor PIB, elaborado pela FGV, subiu 0,7% em agosto, embora não o suficiente para devolver a queda de 0,9% do mês anterior. A publicação apontou que os três grandes setores (agropecuária, indústria e serviços) cresceram no mês. Contudo, do lado da demanda, o Monitor captou queda do consumo das famílias pelo terceiro mês consecutivo, reforçando os sinais de enfraquecimento de um dos principais vetores de expansão recente da economia. De forma similar, embora positivo, o resultado também deixou um carregamento estatístico negativo para o 3T25, de -0,2%. Portanto, ambos os indicadores sugerem um baixo crescimento do PIB no período, inclusive, com probabilidade não desprezível de haver uma contração no 3T25, caso a atividade mostre uma fraca performance em setembro.

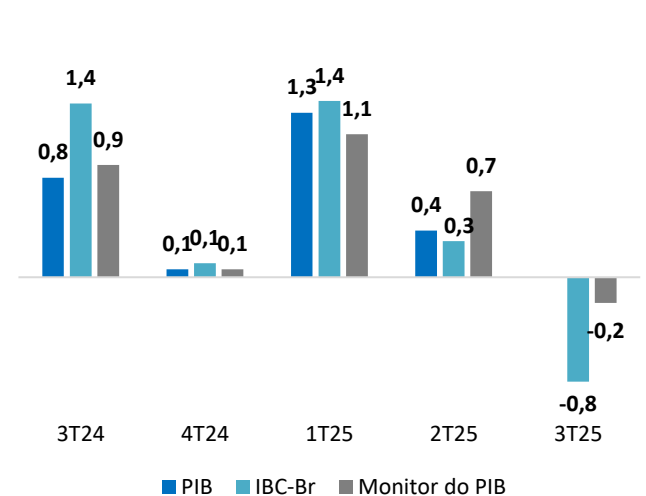
As pesquisas mensais setoriais do IBGE também trouxeram um viés positivo para o mês. As vendas no varejo ampliado cresceram 0,9% em agosto, acima da expectativa do mercado (+0,5%). No mês, 7 das 10 atividades pesquisadas registraram expansão do volume de vendas, com destaque para as vendas de veículos e partes (+2,3%), artigos de vestuário (+1,0%), artigos farmacêuticos (+0,7%) e em super/hipermercados (+0,4%).

Quadro 1: Índices de Atividade: IBC-Br e Monitor do PIB – Var.% mensal



Fonte: BCB e FGV

Quadro 2: PIB, IBC-Br e Monitor do PIB – Var.% trimestral\*



Fonte: IBGE, BCB e FGV. \*Carry over para o 3T25.

Apesar do número positivo do mês, o setor apresenta um carregamento estatístico próximo da estabilidade (+0,1%) para o 3º trimestre, mesmo após recuar 2,2% no 2T25. Setores relevantes como super/hipermercados (-0,4%), materiais de construção (-1,4%) e vestuário (-1,9%) devem registrar queda das vendas no trimestre.

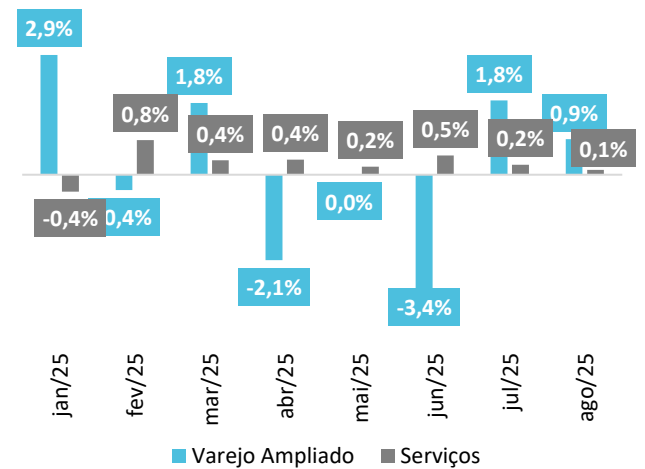
No acumulado do ano, as vendas no varejo caem 0,4% ante o mesmo período de 2024, após crescer 3,7% em 2024, reforçando os sinais de perda de ímpeto do setor. Portanto, o mercado de trabalho aquecido ainda mantém algum impulso para o consumo das famílias, mas não tem sido capaz de compensar os efeitos da política monetária contracionista e do maior nível de endividamento das famílias, que tem levado a um desaquecimento das vendas no varejo ao longo do ano.

**Já o setor de serviços registrou ligeira alta de 0,1% em setembro, em linha com as expectativas.** Apesar de bastante modesta, este foi o sétimo mês seguido de expansão do setor, que segue com maior dinamismo e ainda registra alta de 2,6% no acumulado do ano, ritmo não tão distante do observado no ano de 2024 (+3,1%).

Em agosto, 4 das 5 atividades registraram crescimento, com destaque para os serviços prestados às famílias (+1,0%), que engatou a segunda alta seguida. Serviços de transportes (+0,2%), profissionais e administrativos (+0,4%) e “outros” (+0,6%) também cresceram no mês. Na contramão, apenas os serviços de comunicação e informação caíram em agosto (-0,5%), mas vindo de uma elevada base de comparação, com nível de atividade já 3,3% acima do observado em dez/24 e acumulando expansão de 5,5% no ano, refletindo o aumento da digitalização da economia e de atividades relacionadas.

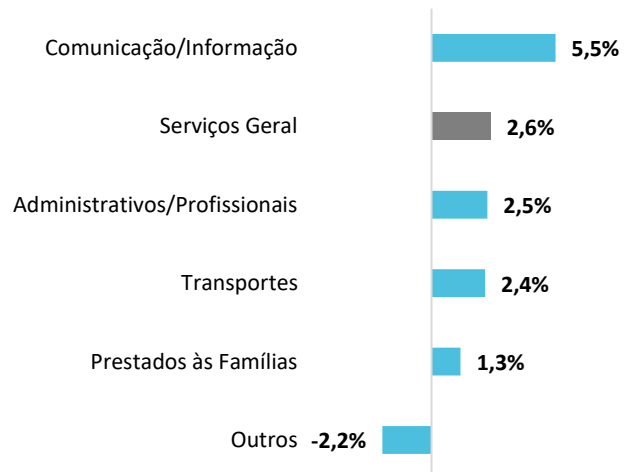
O resultado deixou um carregamento estatístico de 0,7% para o setor no 3T25, indicando que deve permanecer em expansão no período, mas com uma taxa inferior ao observado no 2º trimestre (+1,2%), também trazendo sinais de moderação, ainda que de forma gradual.

**Quadro 3: Vendas no Varejo Ampliado e Volume de Serviços – Var.% mensal**



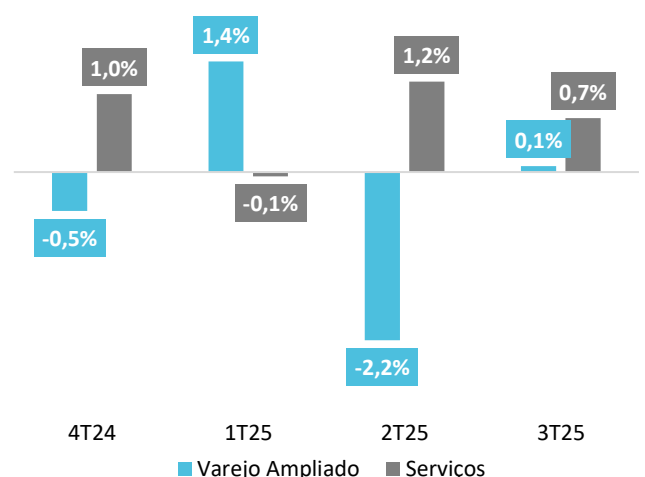
Fonte: IBGE

**Quadro 4: Volume de Serviços Var. Acum.% no ano**



Fonte: IBGE

**Quadro 5: Vendas no Varejo Ampliado e Volume de Serviços – Var.% trimestral\***



Fonte: IBGE. \*Carry over para o 3T25

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Alívio comercial e principais bancos sustentam os mercados, mas bancos regionais preocupam

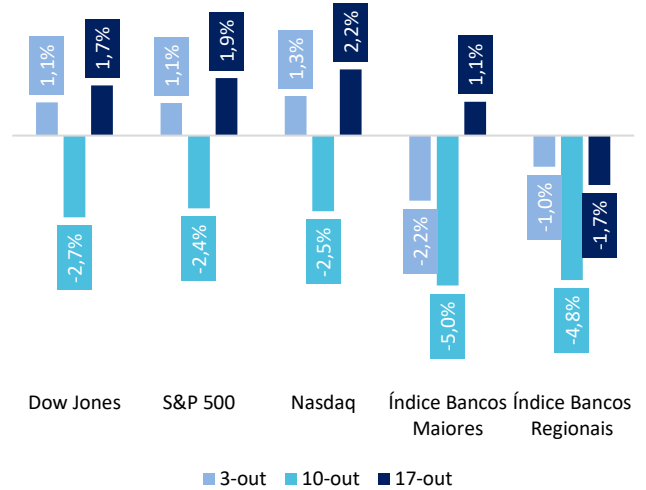
Os ativos atrelados ao risco se recuperaram na última semana após algum alívio nas tensões comerciais entre os EUA e a China. O presidente Trump adotou um tom mais conciliador, apontando que a tarifa de 100% sobre a China não é sustentável, além de indicar que ainda pretende se encontrar com o presidente Xi Jinping no fim do mês. Outros pontos que ajudaram a melhorar o humor dos mercados foram a indicação de que o Fed deve realizar novos cortes de juros e resultados acima do esperado dos maiores bancos do país ([ver pg 6](#)).

Contudo, as divulgações também provocaram um estresse localizado, com aumento da preocupação em relação à saúde de alguns bancos regionais dos EUA. O bancos Zions e Western Alliance reportaram perdas (cerca de US\$ 50 mi) relacionadas à hipotecas problemáticas e supostas fraudes. Além disso, houve dois casos de falência que geraram perdas nas carteira de crédito do setor de veículos, alimentando preocupações com a qualidade geral do crédito corporativo no país. Assim, enquanto os resultados positivos dos maiores *players* sustentaram a alta das ações do grupo na semana, o índice de ação dos bancos regionais voltou a cair.

A divulgação dos principais indicadores econômicos (CPI, PPI, produção industrial e vendas no varejo) dos EUA foi novamente adiada em função do *shutdown* do governo federal. O destaque da semana foi o discurso de Jerome Powell na Associação Nacional de Economia Empresarial (NABE, em inglês), em que sinalizou que o Fed está “no caminho” para fazer um novo corte de 0,25 pp nos juros. A indicação foi interpretada como mais flexível pelo mercado e reforçou as apostas, agora praticamente unânimes, de continuidade do ciclo de flexibilização monetária. Além disso, Powell indicou que o Fed está chegando perto do fim da redução do tamanho do balanço (*quantitative tightening* – QT), o que tende a aumentar a liquidez do mercado de títulos. O Fed divulgou durante a semana o penúltimo Livro Bege do ano, onde os distritos relataram uma percepção geral de que a atividade perdeu dinamismo, com as contratações permanecendo estáveis e citando pressão nos preços dos insumos.

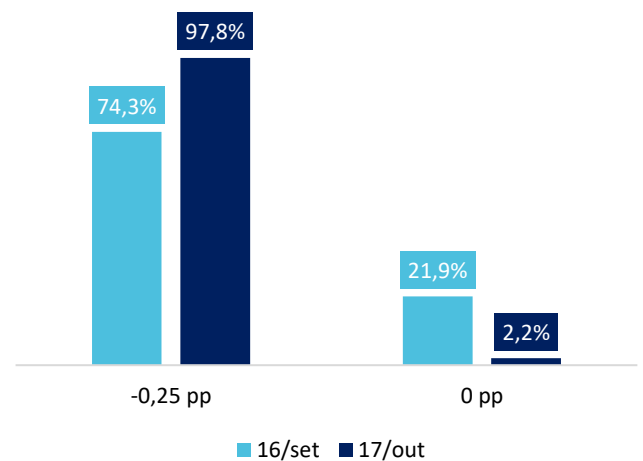
Na China, os dados do setor externo surpreenderam, com resultados acima do esperado em setembro. As exportações subiram 8,3% (ante set/24), melhor resultado desde mar/25 (+12,2%), indicando que os exportadores estão se adaptando à nova dinâmica tarifária com os EUA, direcionando seus produtos para outros mercados. Já as importações subiram 7,4%, bem acima do consenso (+1,8%), com antecipação das compras antes do feriado nacional na 1ª semana de outubro.

**Quadro 6: EUA - Índices de Ações e de Bancos**  
Var. % semanal



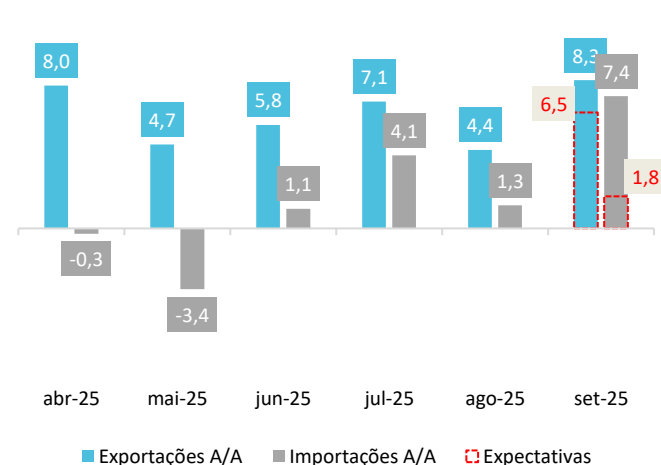
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 7: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de outubro**



Fonte: CME Group.

**Quadro 8: China – Exportações e Importações**  
Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg

## Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/25

### CRÉDITO / BANCOS

Os principais bancos dos EUA divulgaram seus resultados referentes ao 3º trimestre de 2025, trazendo novamente números acima do esperado. As IFs têm mantido um bom nível de rentabilidade, se aproveitando da volatilidade dos mercados e dos altos preços das ações, que tem se refletido em aumento das receitas em áreas relacionadas a negociações no mercado de capitais. Como exemplo, o 3T25 foi o trimestre mais forte em IPOs desde 2021. No mercado de crédito, a margem líquida de juros (NII) voltou a crescer, enquanto os gastos com PDD seguem bem-comportados, mas com um quadro bastante incerto, uma vez que houve alguma divergência na perspectiva das instituições, em meio às dúvidas quanto à qualidade do crédito corporativo no país, com a falência de grupos ligados ao setor automotivo.

**Quadro 9: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 3º tri/25**

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo	Goldman Sachs
<b>Lucro Líquido</b> US\$ bi	14,4	3,8	8,5	5,6	4,1
<b>Lucro por Ação</b> Divulgado / Ajustado* (expectativa)	5,07 (4,84)	1,86 / 2,24* (1,90)	1,06 (0,95)	1,66 (1,55)	12,25 (11,00)
<b>ROE anualizado</b> (trimestre)	17,0%	7,1%	11,5%	12,8%	14,2%
<b>Receita</b> US\$ bi	47,1	22,1	28,1	21,4	15,2
<b>Despesas com PDD</b> US\$ bi (- = liberação de PDD)	3,4	2,5	1,3	0,7	0,3
<b>Carteira de Crédito</b> US\$ bi	1.435,2	733,9	1.165,9	943,1	222 mi

**JP MORGAN:** O maior banco dos EUA registrou lucro líquido de US\$ 14,4 bi no 3T25, equivalente a US\$ 5,07 por ação, superando as expectativas dos analistas (US\$ 4,84 por ação). O resultado representa uma ligeira queda ante o trimestre anterior (-4,0%), mas uma alta de 11,6% na comparação anual. Com isso, o ROE do banco ficou em 17,0% no trimestre (ante 18% no 2T25 e 16% no 3T24).

Na comparação com o 3º trimestre de 2024, as receitas avançaram 8,8% e totalizaram US\$ 47,1 bi, acima do esperado (US\$ 45,4 bi). Destaque para a unidade do banco de investimento (+16,8%), que se beneficiou da volatilidade do mercado, com avanços das negociações de ações (+25%) e renda fixa (+21%), e do elevado volume de IPOs no país, que elevou as receitas com comissões. Outro destaque veio da *asset management* (+11,5%), que contou com um volume médio maior de ativos sob gestão. A unidade de varejo, por sua vez, viu suas receitas avançarem 9,5%, com maiores ganhos em cartões, enquanto as receitas líquidas de juros (*net interest income* – NII) ficaram relativamente estáveis no período (+2,4%). Os gastos com provisões (PDD) totalizaram US\$ 3,4 bi, subindo 19,4% no trimestre e 9,4% no ano. O aumento da PDD no trimestre foi o principal fator para a ligeira queda do lucro do JP na comparação trimestral e refletiu o maior volume de provisões para o cartão de crédito (varejo) e falências no setor automotivo (atacado), com a quebra das empresas Tricolor Holdings (financiamento de veículos usados), que securitizava parte de suas carteiras junto ao JP, e First Brands (autopeças). Jamie Dimon, CEO do banco, citou “sinais iniciais” de um excesso de crédito às empresas e pregou cautela quanto às expectativas futuras, diante de um cenário geopolítico bastante incerto. Por fim, a carteira de crédito do JP subiu 7,1% em 12 meses, atingindo US\$ 1,435 tri.

**CITI:** registrou um lucro líquido de US\$ 3,8 bi no 3T25 (US\$ 1,86 por ação), com queda de 6,6% no trimestre, mas avançando 15,9% ante o 3T24. O resultado foi impactado pelo reconhecimento de uma perda contábil líquida de US\$ 714 mi associada à venda de 25% do Banamex no México. Sem este efeito, o lucro líquido teria sido de US\$ 4,5 bi (US\$ 2,24 por ação), acima do esperado (US\$ 1,90). De toda forma, o ROE do segue abaixo de seus pares, tendo ficado em 7,1%. As receitas atingiram US\$ 22,1 bi no trimestre, recorde para a instituição e acima das expectativas (US\$ 21,1 bi), com alta de 8,7% em relação ao 3T24. A melhora foi disseminada entre os segmentos, com destaque para a unidade de mercados globais (+15,5%), beneficiada pela negociação de ações (+24%) e banco de investimento (+29,8%). Já a PDD permaneceu controlada, recuando 8,4% na comparação anual, mesmo com o avanço de 6,5% da carteira de crédito, que atingiu US\$ 733,9 bi.

## Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 3º tri/25

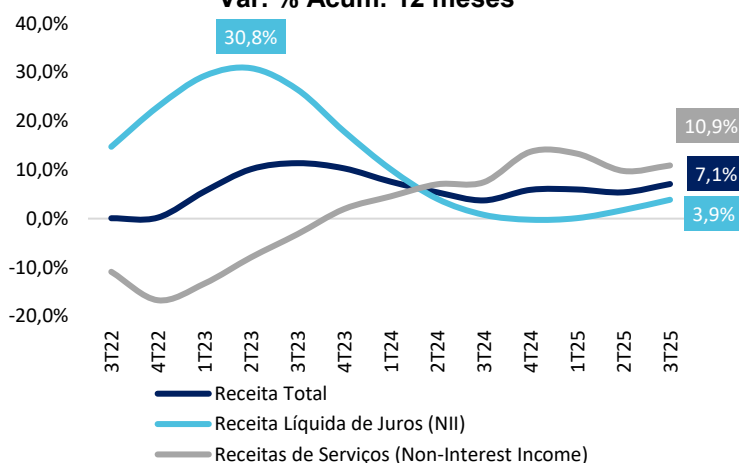
**BofA:** registrou lucro líquido de US\$ 8,5 bi no trimestre (US\$ 1,06 por ação), acima do esperado (US\$ 0,95). O resultado representa altas expressivas tanto no trimestre (+19,0%) quanto na comparação anual (+22,8%), levando o ROE da IF para 11,5%, o melhor resultado desde o início de 2023. A receita também surpreendeu positivamente, atingindo o recorde histórico do banco, com US\$ 28,1 bi (ante expectativa de US\$ 27,5 bi), alta de 10,8% em 12 meses. Assim como a maioria de seus pares, o forte desempenho das receitas veio do segmento de banco de investimento (+43%), adicionando US\$ 2,0 bi em comissões no período. Além disso, negociações de ações (+14%) e com renda fixa (5%) também ajudaram no resultado. Vale destacar também que a margem líquida de juros (NII) voltou a crescer, avançando 9,1% em 12 meses, maior ritmo de expansão dos últimos 2 anos, em meio ao crescimento dos empréstimos. Do lado dos custos, a PDD ficou em US\$ 1,3 bi no trimestre, recuando 16,0% ante o 3T24, enquanto a carteira de crédito cresceu 8,4%, ficando em US\$ 1,166 tri, a segunda maior entre os bancos norte-americanos.

**WELLS FARGO:** obteve um lucro líquido de US\$ 5,6 bi no 3T25, representando uma leve alta de 1,7% no trimestre e de 9,3% na comparação anual. O lucro por ação ficou em US\$ 1,66, acima do esperado (US\$ 1,55). O ROE anualizado manteve-se estável em 12,8%, enquanto o retorno sobre o capital tangível (ROTCE) atingiu 15,2%. Após 7 anos com um limite para o volume de ativos totais (US\$ 1,95 tri) imposto pelo Fed como punição por causa do escândalo de contas falsas de 2018, os reguladores removeram tal limite, abrindo espaço para o banco acelerar seu crescimento. Diante de tal cenário, a instituição revisou para cima seu *guidance* para o ROTCE, de 15% para uma faixa entre 17% e 18%, impulsionando as ações do WF, que já sobem pouco mais de 20% no ano. As receitas totalizaram US\$ 21,4 bi no trimestre, com alta de 5,3% ante o 3T24, puxada pelo principal segmento do banco, o varejo (+5,8%), impulsionado pelos ganhos com cartão (+13,1%). A margem líquida de juros (NII) subiu 2,2%, após quase dois anos em queda. Do lado negativo, a receita do segmento empresarial caiu 8,8%, enquanto o banco de investimento viu suas receitas ficarem praticamente estáveis (-0,7%), sem conseguir aproveitar à volatilidade dos mercados, diferente dos demais *players* do setor. As despesas com PDD, por sua vez, recuaram 36,1%, atingindo US\$ 681 mi, refletindo a melhora do desempenho da carteira de crédito e o menor volume de crédito empresarial, que vinha pesando nas provisões. Apesar do cenário de incertezas, o CEO Charlie Scharf destacou a resiliência da economia norte-americana e a saúde financeira dos clientes como fatores que sustentam o otimismo quanto ao crescimento da instituição. Por fim, a carteira de crédito subiu 3,7% em 12 meses e atingiu US\$ 943,1 bi.

**GOLDMAN SACHS:** reportou um lucro líquido de US\$ 4,1 bi, ou US\$ 12,25 por ação, acima do esperado (US\$ 11,00). O resultado corresponde a altas de 10,1% no trimestre e de 37,1% ante o 3T24. O ROE do GS atingiu 14,2%, subindo 3,8 pp em 12 meses. A receita total ficou em US\$ 15,2 bi no período, acima do esperado (US\$ 14,1 bi). O grande destaque veio do banco de investimento (+42,7%), refletindo o bom momento dos IPOs e M&As, que impulsionaram as receitas de comissões. O GS também navegou bem em meio à volatilidade do mercado, impulsionado pelas negociações do mercado de renda fixa (+17%).

Os principais bancos dos EUA voltaram a surpreender o mercado, com receitas e lucros acima do esperado. O forte desempenho das receitas foi novamente liderado pelas unidades de investimento e *trading*, com ganhos de corretagem e serviços, refletindo a maior volatilidade dos mercados e a contínua valorização dos preços das ações, impulsionando operações de IPO e M&A. O Quadro 10 traz a variação da receita acumulada em 4 trimestres das 5 principais IFs do país, decomposta em receita líquida com juros (NII) e com serviços. No caso das receitas líquidas com juros, após o forte incremento entre 2022/23 decorrente do ciclo de aperto monetário promovido pelo Fed, estas passaram a desacelerar, conforme o custo dos depósitos também passou a subir. Nos últimos trimestres, a NII voltou a acelerar, ainda que de forma contida.

**Quadro 10: Receitas dos 5 principais bancos dos EUA**  
Var. % Acum. 12 meses



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Febraban. \*Desconsiderado o efeito não recorrente da venda das ações da Visa pelo JPM no 2T24 (US\$ 5,1 bi).



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	17/10/25	10/10/25	19/09/25	Viés	17/10/25	10/10/25	19/09/25	Viés
IPCA (%)	4,70	4,72	4,83	▼	4,27	4,28	4,29	▼
PIB (% de crescimento)	2,17	2,16	2,16	▲	1,80	1,80	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,25	12,25	12,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,45	5,45	5,50	↔	5,50	5,50	5,60	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	17/10/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,41	-2,01%	1,66%	-12,42%	-4,49%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	147,18	-6,34%	8,00%	-31,55%	-4,01%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,90	-0,02%	-0,02%	20,97%	37,56%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,24	0,03%	-0,58%	-7,58%	13,86%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,59	-0,55%	1,46%	-12,85%	5,91%
Índice Ibovespa (em pontos)	143.398,63	1,93%	-1,94%	19,22%	8,84%
IFNC (setor financeiro)	15.630,38	1,13%	-3,65%	32,13%	16,85%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	4,25	0,00%	0,00%	-5,56%	-15,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,46	-1,26%	-4,18%	-18,49%	-12,96%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,01	-0,58%	-3,41%	-11,56%	-2,00%
Dollar Index	98,55	-0,43%	0,79%	-8,86%	-5,08%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.664,01	1,70%	-0,37%	12,82%	14,08%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	144,63	0,98%	-5,13%	13,31%	17,67%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	114,26	-1,72%	-6,14%	-4,86%	-5,44%
Índice Euro Stoxx 50	5.607,39	1,38%	1,40%	15,16%	13,34%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	224,58	-1,29%	-3,81%	54,51%	52,75%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	61,35	-2,20%	-8,46%	-17,53%	-17,60%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 João Vítor Siqueira